

Nossos vizinhos

As cidades brasileiras abrigam uma grande quantidade de espécies de aves. Além daquelas muito conhecidas e bem adaptadas ao ambiente urbano, como Pardais, Pombos e Urubus, as áreas verdes urbanas podem reservar agradáveis surpresas para os observadores de aves.

Por LUÍS FÁBIO SILVEIRA

As cidades não são exatamente o ambiente mais propício para a vida silvestre. As construções humanas necessariamente degradam o ambiente e, conseqüentemente, as espécies que dele dependem para a sua sobrevivência. Estradas, ruas, prédios, casas, modificações na composição e na estrutura da vegetação e a introdução de espécies exóticas como cães, gatos e ratos são barreiras intransponíveis para centenas de organismos. Desta forma, as cidades se apresentam como ambientes que tornam a vida de muitas aves difícil ou mesmo impossível. Algumas espécies, entretanto, conseguem sobreviver, realizar o seu ciclo de vida e mesmo se tornar dominantes nesse ambiente tão hostil.

Algumas das espécies de aves mais comumente observadas nas cidades se tornaram tão dependentes dos ambientes criados pelo homem que não conseguem sobreviver fora dele. Esse é o caso dos Pombos (*Columba livia*) e do Pardal (*Passer domesticus*), aves de origem europeia e introduzidas no Brasil há alguns séculos. Essas aves, no Brasil, são dependentes dos ambientes urbanos e apenas neles conseguem viver e se reproduzir, não invadindo os ambientes naturais e não competindo

com as aves nativas, ao contrário do que muita gente imagina.

Além dos Pombos e Pardais, poucas aves nativas conseguem sobreviver em ambientes tão hostis e tão repletos de cimento como as cidades. Algumas, como os Urubus e Carcarás, se adaptaram muito bem a esses ambientes, nidificando no alto dos prédios e en-

contrando alimento com facilidade no lixo orgânico produzido pelos humanos. São aves abundantes em qualquer lugar onde o lixo se acumule, como nos aterros sanitários. O grupo de aves que inclui os Pombos, Pardais, Urubus e Carcarás não depende da existência das áreas verdes para sobreviver.

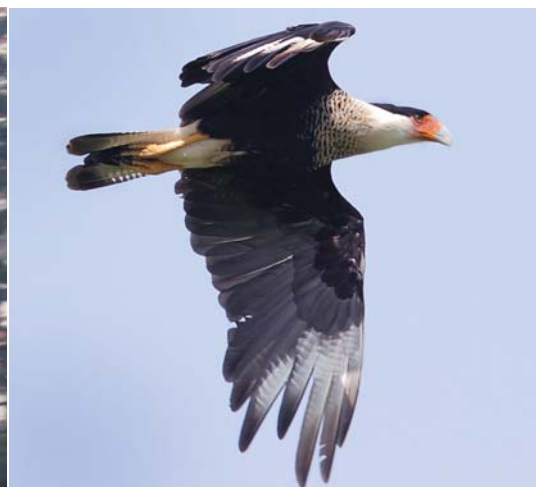
As demais espécies de aves que obser-



Pardal e Pombo: dependentes do ambiente urbano



Urubu e Carcará: adaptam-se bem às cidades; não dependem de áreas verdes extensas e bem preservadas



Rogério Wisniewski



Celi Aurora

vamos nas cidades dependem das áreas verdes, naturais ou não, para obter alimento e local de refúgio ou para a construção de ninhos. Além disso, a presença de fragmentos de vegetação nativa no entorno das cidades é também outro fator relevante, pois essas áreas atuam como “fontes” de aves para as áreas arborizadas e parques dentro das cidades. Por causa disso, a composição da avifauna em cada cidade brasileira pode variar. Algumas espécies são um pouco mais resistentes e podem utilizar pomares, lagos artificiais e mesmo a arborização urbana para viver, como vemos no caso do Bem-Te-Vi (*Pitangus sulphuratus*), da Cambacica (*Coebeba flaveola*), da Garça-Branca (*Ardea alba*) e do Beija-Flor-Tesoura (*Eupetomena macroura*). Cidades com parques urbanos bem conservados abrigam uma avifauna variada. Municípios como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, de maneira surpreendente, já possuem mais de 200 espécies registradas dentro dos seus limites, graças a parques no seu entorno, como a Cantareira, Tijuca e Mangabeiras, respectivamente. Esses parques são fundamentais para espécies de aves mais sensíveis e mesmo ameaçadas de extinção, como o Pavó (*Pyroderus scutatus*), grande frugívoro que, às vezes, se aventura pela cidade de São Paulo.


Natalie Mascarenhas



Flávio Garcia

Beija-Flor-Tesoura, Garça-Branca, Bem-Te-Vi e Cambacica: podem utilizar a arborização urbana para viver

A arborização urbana é outro fator importante e que permite que diferentes espécies possam ser observadas nas cidades do Brasil. Municípios que optam por plantar árvores cujas sementes são dispersas por vento, por exemplo, vão contar com um menor número de espécies de aves frugívoras. Árvores que perdem as folhas durante uma parte do ano também não são boas como abrigo e local para construção de ninhos. De uma forma ou outra, é sempre importante ressaltar que a preferência deve ser dada para o plantio de árvores brasileiras, que vão ser mais atraentes para as aves nativas.

Temos uma rica vizinhança a ser conhecida e explorada. Até mesmo o observador mais desatento está acostumado com um sem-número de sons e de formas que podem ser vistas e ouvidas durante uma caminhada despreocupada. Conhecer esses “vizinhos” torna a nossa vida nas cidades mais rica e o nosso contato com o meio ambiente mais proveitoso. E, claro, aumenta o nosso respeito e a nossa responsabilidade com os seres que dividem o planeta conosco. 

Rodolfo Viana



Pavó: espécie considerada sensível a alterações ambientais e ameaçada de extinção em São Paulo, mas que, graças a grandes parques no entorno, pode ser vista também em cidades

Luis Fábio Silveira é professor do Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo, com doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia); curador associado das coleções ornitológicas Museu de Zoologia da USP; editor-chefe da Revista Brasileira de Ornitologia; membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO); pesquisador associado da World Pheasant Association (UK); autor de oito livros sobre aves e de dezenas de artigos científicos.